

PRÓLOGO
DE MEMÓRIAS

A MORTE DO PALHAÇO

de RAUL BRANDÃO

I
COMENTÁRIO
A
PÁGINAS
ESFARDAPADAS

PAULA MASSARO

DRAMATURGIA DE JOÃO BRITES

LIBRETO DE NUNO JUDICE

MÚSICA DE JOSÉ MÁRIO BRANCO

37ª CRIAÇÃO

TEATRO O BANDO

8 de julho de 1991

2
PALHAÇO
CIRCO

- O estupor da vida que nos dá a imaginação - e que nos deixa sonhar, para depois nos atirar das estrelas à terra ! E porquê? Para quê? Que crime cometi eu, Senhor, para tu a cada momento me castigues, a cada instante me faças tropeçar e fazer parte do infinito e das ruas da cidade, da Via Láctea e da multidão?...

II

MEMÓRIA DE
PALHAÇO MORTO

Valia a pena detemo-nos
a olhar a vida, tingida de
névoa
azul como certas
paisagens que só são
belas de longe.

Em qualquer recanto, num
café, entre quatro
paredes que não
importam, porque, por
mais denegridas que
sejam, a nossa alma tem o
poder

extraordinário de tudo
transformar, fazemos ao
mesmo tempo e com
entusiasmo.

O que em nós vai
secando pela vida fora
está tão sensível que
magoa tocar-lhe. Todos
somos poetas, todos
vivemos num

Estonteamento que se
parece com o amor.
Todos os dias são de
primavera. Ainda que o
casaco esteja no fio, a
gente não sabe que
mudaram as estações,
e a existência, mesmo
numa mansarda, é uma
festa perpétua.

Eu nesse ano, porque
estivera doído, vivia
numa cidade, constiçada
de restos de sonho que
uma ventania de
loucura atirara para a
planície, como nuvens
aglomeradas num fundo
violáceo de
tempestade. Os meus
sonhos riscavam-se a
carvão, mordiam-se de
delírio: umas vezes era
perseguido sem
piedade, como um lobo,
outras eram páginas de
louco, covas abertas
subito, unhas
arrepeladas e berros....
torsos contorsionados,
faces arripiadas,
contrações de dor,
misturavam-se, a
subir, a
esgadanhar-se, numa
fúria de vida....

3
ANARQUISTA

- Vale a pena viver para todos os desgraçados, para quem desde séculos abro a cova... É uma quimera a Vida? Aspera quimera..

4
PITA
LADRÃO

- Cava, cava e bebe-lhe... Que vale pensar?... Cavar na terra e escavar a dôr, ó burro, não é igual....

5
ANARQUISTA

- Que dramas, dores, ilusões, lama e restos, a carroça não traz! Nunca pensaste diante da Morte no que é a Vida?.

6
PITA
LADRÃO

- Cava, estupor!...

7
ANARQUISTA

- Andar a perseguir uma quimera, dolorido até à morte, ser batido pela Vida!... Viver para quê, se viver para a maior parte é sinónimo de sofrer?...

III
COVEIROS
DESENTERRAM PALHAÇO

No cemitério dois
coveiros abrem um
fosso. É um sitio
triste, sem um
cipreste, desolado e
que irrita como uma
alma seca. Um dos
coveiros é enorme,
ossudo, ressequido, de
barba dura e rara e
grandes mãos. A sua
sombra esguia, como
um borrão tingia a
terra, macabra.

8
PITA
LADRÃO

- E o pequenname, estúpida criatura?...

O coveiro a grandes
pernadas salta o muro e
dilue-se na escuridão. Por
muito tempo ainda escuto os
seus passos, parecidos com
o cavar na terra gelada, e é
como se ele andasse sobre o
meu coração: magoa-me....

Eu conheci K. Mauricio e o
homem do violino. Das
oliveiras, tronco
carcomido, com um único
galho e uma folhinha a
nascer, caía um luar triste.

À esquerda um ^uóvario,
três cruces como três
forcas no alto, solitórias:
em baixo a nódoa da
planície, a borbulhar de
multidão esparsa, que se
inobilisara, petrificada
agora, olhar de ônsia posto
em mim, e o silêncio caíra
como a tampa de uma
cova...

E o inquietante silêncio foi
subito clareado: era o
violino que tocava música,
arripiada de dôr, vaga,
dubia claridade daquele luar
entre nuvens, indecisa e
que perturbava como um
crepusculo sobre aguas
mortas: e alastrava-se pela
paisagem, simfonia de
almas a errar numa névoa
lilás....na noite acarvoada.

Passavam vis, com olhares
de desespero, os Grotescos
e os Doentes...

Um tocava, o outro
representava, dizia a
música do outro toda a alma
humana...